

música portuguesa em viagem

digressão BRASIL 2014

Quartetos d'arcos portugueses

Ensemble MPMP

Daniel Bolito violino I

João Vieira de Andrade violino II

Amadeu de Resendes viola

Catarina Gonçalves violoncelo

Fernando Lopes-Graça (1906-1994)

Prelúdio e fuga [para violino solo]

Eurico Carrapatoso (1962-)

Sete velhos corais portugueses (in memoriam Fernando Lopes-Graça)

1. *Canícula*
2. *Oriente*
3. *Papão*
4. *Luz*
5. *Romaria*
6. *Júbilo*
7. *Altar*

João Pedro de Almeida Mota (1744-1817)

Quarteto, Op. 6, n.º 4

Largo – Allegro
Allegretto
Minuetto [Allegro]
Rondó [Allegro]

~ INTERVALO ~

Luiz de Freitas Branco (1890-1955)

Quarteto

Moderado
Vivo
Lento
Animado

O Ensemble MPMP apresenta em concerto uma obra fundamental da literatura portuguesa para quartetos d'arcos: o moderno e requintado *Quarteto* do compositor Luiz de Freitas Branco (1890-1955). Apresentam-se igualmente obras de Almeida Mota (1744-1817), compositor clássico caído em esquecimento, e de Eurico Carrapatoso (1962-), uma das mais activas e reconhecidas vozes da composição contemporânea. O concerto integra “Música portuguesa em viagem”, uma digressão de oito músicos que percorrerão, em 2014, seis cidades brasileiras: Brasília, Goiânia, Salvador, Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro. “Música portuguesa em viagem” é uma iniciativa do MPMP e da revista GLOSAS, e conta com o apoio da Direcção-Geral das Artes / Governo de Portugal. Para mais informações, visitar www.mpmp.pt.

notas ao programa

João Pedro de Almeida Mota (1744-1817), nascido em Lisboa, era, até há pouco tempo, um nome completamente ignorado na memória dos músicos e nos trabalhos musicológicos sobre a História da Música em Portugal. A primeira vez que se ouve falar dele é em 1967, quando o compositor Filipe de Souza (1927-2006) encontra o manuscrito de uma obra sua no Paço Ducal de Vila Viçosa. Mas só em 1996 (!) o musicólogo Humberto d'Ávila pôde trazer a público um livro dedicado ao misterioso compositor, entretanto já mais conhecido do público. As razões por que Almeida Mota ficou esquecido são diversas e não importa explorá-las neste breve texto. Mas uma delas é especialmente significativa: boa parte da carreira de Almeida Mota cumpre-se em Espanha, onde chega inclusivamente a trabalhar como compositor para a Capela Real espanhola. O quarteto aqui apresentado pertence a um conjunto de dezasseis quartetos d'arcos preservados no Palácio Nacional de Madrid. Estas obras constituem um tesouro inédito na criação musical de autores portugueses, e embora o estilo compositivo não seja especialmente original num contexto global (sobretudo tendo em conta a escola vienense), é-o incontestavelmente no contexto ibérico da época.

Diferente é o caso de Luiz de Freitas Branco (1890-1955), uma das mais importantes vozes da modernidade musical portuguesa no século XX, cujas obras mais vanguardistas (como os poemas sinfónicos *Paraísos artificiais* e *Vathek*) revelam um compositor invulgarmente refinado e arrojado. Freitas Branco teria vinte e um anos quando escreveu o quarteto aqui apresentado – que, pela sua ímpar qualidade, é um marco fundamental na literatura portuguesa para quarteto d'arcos. Alguns autores têm identificado na partitura uma proximidade com a estética impressionista de Claude Debussy, ao mesmo tempo que se encontram também características que lembram o expressionismo germânico e outras ainda que superam quaisquer influências, conferindo

uma singular unidade e originalidade a esta obra, apesar de todos os contrastes estéticos e formais de que a obra é feita.

Fernando Lopes-Graça (1906-1994), aluno de Luiz de Freitas Branco, é também comumente considerado como uma das figuras cimeiras da cultura portuguesa do século XX. O seu vasto catálogo abrange os mais diversos géneros, sendo imperioso destacar a obra para piano e para coro. A peça aqui apresentada, escrita em 1960, é um caso curioso na sua produção, que contempla apenas duas obras para violino solo (a outra, intitulada *Esponsais*, data de 1984).

Eurico Carrapatoso (1962-), compositor inúmeras vezes premiado e por duas vezes representante de Portugal na Tribuna Internacional de Compositores da UNESCO em Paris, é uma das mais activas vozes da composição portuguesa contemporânea. A obra aqui apresentada, composta em 2000, foi escrita a partir de melodias tradicionais portuguesas retiradas do precioso livro *Cantares do povo português*, de Rodney Gallop, que as recolheu nos anos 30. Carrapatoso seleccionou melodias das regiões de Miranda do Douro (n.ºs 1 e 2), Coimbra (n.º 3), Castelo Branco (n.ºs 4 a 6) e Baixo Alentejo (n.º 7). Não é por acaso que Carrapatoso dedica este conjunto de melodias harmonizadas em forma de coral à memória de Fernando Lopes-Graça, que foi pioneiro na investigação do folclore português e na sua aplicação à música de tradição erudita ocidental – à imagem do que fez Béla Bartók na Hungria.